

# Superando as diferenças e quebrando paradigmas: os reflexos de uma parceria entre uma Igreja Batista e uma Instituição Católica em favor da vida humana

*Renato de Lima da Costa*

## 1 INTRODUÇÃO

A questão migratória apresenta-se como um tema global que pede ações urgentes de governos, de entidades diversas e também das religiões a fim de que a vida humana seja preservada em contextos diversos. Diante deste desafio, as religiões podem desempenhar um papel de protagonistas na promulgação de ações conjuntas que beneficiem aqueles que estão em trânsito na direção de possibilidades mínimas de vida. O presente artigo apresenta uma experiência positiva entre duas grandes tradições cristãs que se aproximaram e reuniram esforços no atendimento à necessidade acima posta. De um lado, uma igreja batista de perfil tradicional e, de outro, a Missão Paz, com ampla experiência e profissionalismo no trato da questão migratória. Denominações cristãs distintas que se uniram em favorecimento de imigrantes e refugiados na oferta de cursos gratuitos de língua portuguesa nas dependências da referida comunidade batista.

A parceria reflete as potencialidades do diálogo inter-religioso, tema este que aqui também será destacado a partir de teóricos como Hans Küng e Wagner Lopes Sanchez. Os seus resultados positivos provocam à reflexão quanto ao papel da igreja cristã diante de um universo social contemporâneo repleto de contrariedades, pedindo uma revisão urgente dos paradigmas eclesiais e teológicos que determinam as ações de missão, de evangelização e também sociais promovidas pelas comunidades cristãs.

## 2 UMA PARCERIA ENTRE UMA IGREJA EVANGÉLICA BATISTA E UMA INSTITUIÇÃO CATÓLICA EM FAVORECIMENTO DA VIDA HUMANA

A Igreja Evangélica Batista em Vila Antonieta (IEBVA), São Paulo (SP), é uma comunidade religiosa batista histórica que conserva uma doutrina e uma cosmovisão batista rigorosa, tradicional por assim dizer, perfil eclesial cujos

atendentes buscam preservar com observação contínua de uma moral cristã rígida, estudo sistemático das Escrituras e na preservação de liturgias e práticas elementares da vida religiosa em coerência com os pressupostos teológicos batistas tradicionais.

Assim sendo, em sua maioria, os membros da referida comunidade buscam fazer oposição às pressões oriundas de uma cultura de bases pós-moralistas, cujos valores são determinados por uma lógica do consumo que legitima o individualismo exacerbado e o narcisismo nas mais variadas relações, motivações e anseios, determinando o estereótipo do sujeito moderno. Estes, aspectos caracterizam a cultura contemporânea e estão na base, por exemplo, do movimento de trânsito religioso contínuo percebido no campo religioso brasileiro, sobretudo, no campo religioso evangélico. Pois, a cultura contemporânea, com todas as suas características como as que aqui foram rapidamente citadas, fomentam nas consciências dos indivíduos, mesmo naqueles ligados à grupos religiosos, o convencimento de que, não somente os mercados de consumo, mas também a religião está para lhe servir, como um cliente, sob o ônus de ver o seu trânsito na direção de novas possibilidades de religião ou de espiritualidades diversas sempre que algo lhe desagradar.

No cenário contemporâneo atual, o indivíduo veio para ser servido e não para servir. E, de fato, alguns grupos religiosos já estão aderindo às referidas pressões e, de pronto, se prestam a adequar as suas propostas religiosas de vida, liturgias, conjunto de normas morais, entre outros elementos, a fim de manter cativo à sua oferta um cliente religioso sempre exigente e que sempre ameaça o grupo com a possibilidade de um trânsito. Outros grupos, no entanto, buscam oporem-se aos chamamentos dos mercados e aos reclamos daqueles que querem novidades, inovação e renovação, ou seja, que a oferta possa girar em torno da satisfação do eu.

Assim, a ditadura do narcisismo se impõe com ferocidade, pois tem na sua retaguarda a própria cultura que, há muito, a erigiu e já a legitimou. Mas, há ainda as novas espiritualidades próprias do universo contemporâneo. Lipovetsky (2016) as denominou de espiritualidades de caráter *light*, pois possibilitam o acesso flexível aos seus ambientes, a prática estritamente individual e, portanto, alheia aos riscos inerentes a toda prática e vivência religiosa comunitárias, com baixa exigência de ordem moral e, desta forma, apresentando formas e caminhos mais relacionados à construção de um bem viver aqui e agora do que relacionados a uma realidade futura ainda por vir<sup>1</sup>.

A Igreja Evangélica Batista em Vila Antonieta, por assim dizer, busca preservar a sua doutrina, a sua ética e a sua cosmovisão, a despeito de todas as pressões externas e, em alguns casos, também internas, por mudança e inovação a que estão sujeitas as comunidades religiosas inseridas na cultura moderna em sua configuração atual.

Organizada em 12 de setembro de 1964 por cristãos batistas membros da Igreja Batista Nova Jerusalém (IBNJ), igreja esta localizada no bairro de Vila Carrão, São Paulo, há aproximadamente 6 km do bairro de Vila Antonieta e reconhecida,

portanto, como sendo a igreja mãe, a IEBVA teve o seu início de forma bastante modesta, pois se deu na casa de um morador de Vila Antonieta que, naquela ocasião, era também um cristão batista membro da IBNJ. Ele abriu as portas de sua residência para que ali fosse organizado, como os batistas costumam chamar, um “ponto de pregação”, isto é, um local específico a servir como base para a evangelização naquela localidade. Assim, outros crentes batistas da IBNJ se reuniam na referida residência a fim de que ali acontecessem reuniões de culto e de evangelização dos moradores no entorno. O grupo cresceu e, em 12 de setembro de 1964, foi organizado como igreja, já com departamentos, conjuntos musicais e liderança estabelecidos.

A parceria com a Missão Paz na oferta de cursos gratuitos de língua portuguesa nas dependências da IEBVA e para imigrantes e refugiados que residiam nos bairros próximos ao bairro de Vila Antonieta, como o bairro de Vila Carrão, Vila Formosa, Penha, entre outros, aconteceu como um dos resultados positivos do I Simpósio Internacional sobre Religião e Migração que aconteceu na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) entre os dias 08 e 10 de junho de 2015, organizado pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP, pelo Grupo de Pesquisa Religião e Cidade, Missão Paz (dos padres scalabrinianos), CEM (Centro de Estudos Migratórios) e o SIMI (Scalabrini International Migration Institute), da Universidade Gregoriana de Roma.

O autor deste texto, como aluno do curso de Doutorado em Ciência da Religião da PUC-SP em 2015, atendeu ao evento como ouvinte e sentiu-se impactado pelos estudos, realidades e perspectivas apresentados pelos conferencistas no que dizia respeito aos dramas vividos pelos imigrantes, sobretudo, por aqueles que no Brasil estavam chegando, ficando impactado também com os testemunhos de imigrantes que participaram do evento contando suas histórias. Diante disso, desejoso de compartilhar as informações adquiridas com os membros da comunidade batista em Vila Antonieta, na qualidade de seu pastor, no domingo seguinte à semana do simpósio, no momento da homilia e fazendo uso do texto do evangelho de Marcos 6, 30-44, texto que descreve a primeira multiplicação dos pães, as informações adquiridas no simpósio foram compartilhadas com os ouvintes que ali estavam presentes. Informações acerca das motivações que impulsionaram o trânsito, por exemplo, de haitianos para o Brasil, das barreiras com as quais os imigrantes se deparavam quando aqui chegavam e estas não apenas no que dizia respeito aos aspectos culturais, de língua e de poucas possibilidades de engajamento profissional, mas também de natureza preconceituosa, bem como acerca das perspectivas que apontavam para cenários futuros com contínuo fluxo migratório, entre outras, foram todas compartilhadas em culto dominical para os crentes batistas reunidos na comunidade de Vila Antonieta naquela ocasião.

Ao término do culto, foi gratificante notar que aquelas informações sensibilizaram os ouvintes. Uma senhora, por exemplo, compartilhou que estava à procura de uma empregada doméstica para a sua residência e que pensara,

a partir do que havia escutado, na possibilidade de receber uma imigrante em sua casa, se disposto a arcar com todas as despesas que fossem necessárias à formalização de sua função. A maioria se sensibilizou sem, no entanto, saber ao certo como poderia disponibilizar algum tipo de ajuda de modo prático e eficiente. Tudo parecia, à primeira vista, muito complexo, muito aquém das capacidades individuais e comunitárias que compunham a realidade ali compartilhada. Tudo parecia muito pouco diante da amplitude do dilema. Mas, passados alguns dias, um pequeno grupo de crentes batistas da IEBVA se mostrou desejoso de visitar a Missão Paz a fim de conhecer de perto o trabalho dileto que a entidade desenvolvia. Este grupo era formado por crentes que atuavam diretamente no departamento de evangelização e de missões da IEBVA, bem como em seu Instituto, o Instituto Arnaldo Moraes de Miranda (IAMM), instituição social pela qual a IEBVA desenvolve as suas ações sociais aos membros da comunidade e, principalmente, aos moradores do bairro de Vila Antonieta, oferecendo, por exemplo, cursos gratuitos e diversos de artesanato, atividades de recreação e de canto coral com idosos, orientação jurídica, atendimento com psicólogo, grupos de apoio, entre outras ajudas.

Assim, após contato com a Missão Paz, a visita foi agendada e, na companhia de seu pastor, todos foram à visita. Ali chegando, o grupo foi recebido de maneira muito cordial pelo Padre Paolo Parise, membro da coordenação da Missão Paz. Ele levou o grupo às dependências da entidade, apresentando os variados departamentos e explicando o dia a dia do trabalho que ali se realizava, além de compartilhar os desafios superados e os novos desafios que se apresentavam a todo momento. O grupo visitante, representando ali a IEBVA e o seu Instituto, o IAMM, se dispôs a cooperar, a despeito de suas limitações. Foi à esta altura da conversa que, ao saber da localização da comunidade batista, o Padre Paolo comentou que muitos imigrantes se deslocavam de suas residências, em bairros adjacentes ao bairro de Vila Antonieta, na zona leste da capital paulista, a fim de receberem aulas gratuitas de Português na sede da Missão Paz, localizada no bairro do Glicério, que fica no Centro da capital e que, portanto, seria, para os imigrantes, menos custoso e mais prático, se estas aulas pudessem ser ministradas em um local que lhes fosse de mais fácil acesso, isto é, mais próximo de suas residências. Foi assim, então, que o grupo visitante colocou à disposição da Missão Paz as dependências da IEBVA, dentre as quais se encontra, por exemplo, um prédio para a educação religiosa com dois andares e diversas salas, cantina, banheiros e também um berçário, áreas que estavam sem uso nos dias de semana, exceto por esporádicas reuniões que ali se davam ou outras atividades em horários específicos, mas que facilmente poderiam ser remanejadas de modo a não atrapalhar as possíveis aulas com os alunos imigrantes. O grupo reafirmou que isto não traria implicações para a Missão Paz em termos de custo e que, certamente, a IEBVA se submeteria às orientações da Missão Paz quanto a um bom tratamento para com o imigrante a ser observado. Assim, o encontro foi concluído e todos estavam dispostos a dar andamento àquele bom projeto que começava a se desenhar.

O passo seguinte consistiu em reunir a diretoria da IEBVA a fim de compartilhar a recente experiência, isto é, da visita realizada pela equipe, bem como da necessidade que, então, se apresentava. Embora em uma comunidade batista tradicional, geralmente, o pastor ocupe também a função de presidente da igreja, sendo esta também uma pessoa jurídica, decisões mais amplas que envolvem o uso de recursos, o uso das dependências do patrimônio, ações de evangelização e missão, entre outros projetos, necessitam, primeiramente, de aprovação da diretoria ou de seu conselho administrativo, para que, então, possam ser realizados. É somente após a aprovação deste núcleo e, quando houver necessidade, também dos membros da comunidade reunidos em assembleia regular ou extraordinária, que um projeto ou programa pode ter o seu início. Desta forma, em respeito ao modo de se organizar próprio da IEBVA, os passos exigidos foram observados, atendidos e a questão recebeu amplo apoio, podendo ser, de pronto, atendida.

Em janeiro de 2016, com a participação direta do IAMM que, a propósito, assumiu a direção e a coordenação deste projeto, um evento de integração foi organizado na IEBVA a fim de aproximar as famílias da IEBVA com os imigrantes. O evento contou com a participação da Missão Paz que, na ocasião, também explanou e reafirmou aos presentes quais eram os objetivos, a metodologia, os alvos e os desafios vivenciados pela Missão ao longo dos anos em que vem tratando diretamente da questão da migração. Em março de 2016, as aulas de Português tiveram o seu início nas dependências da IEBVA, com professores próprios da IEBVA, além também do apoio direto do IAMM.

### 3 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO EM FAVORECIMENTO DA VIDA HUMANA

Quando a temática do diálogo inter-religioso é levantada nos mais variados diálogos e congressos acadêmicos, nos múltiplos espaços midiáticos de divulgação da informação, bem como nos círculos políticos do Ocidente ao Oriente; sempre que casos de extremismo religioso, de ações preconceituosas e de atentado à vida fundamentados em pressupostos religiosos, entre outras práticas que visam desfavorecer e rebaixar grupos religiosos minoritários em lugares nos quais a maioria pertence à um mesmo grupo religioso, seguramente, as proposições de Küng (1993) tornam-se objeto de discussão e de reflexão contínuas. O autor, centrado na temática de reflexão e de discussão acerca das possibilidades efetivas de construção de uma ética global, isto é, de um conjunto de valores éticos que seja comum a indivíduos de todo o globo, independentemente de cultura, raça, condição socioeconômica e, sobretudo, independentemente de credo, está convicto de que não se pode negligenciar às grandes religiões um espaço neste debate. Küng (1993), na formulação de seu *Projeto de ética mundial*, não estabelece como prerrogativa fundamental de um agir e de um

pensar global as necessidades urgentes de revisão no uso dos recursos naturais a fim de resguardar às próximas gerações as condições mínimas necessárias de subsistência, como o fazem alguns autores observando os sinais dados pelo ecossistema de que a atividade humana altamente predatória já há muito extrapolou os limites impostos pela natureza<sup>2</sup>. Tampouco, Küng (1993) enfoca como prerrogativa primeira o paradigma da responsabilidade como postura ética indispensável para com todo aquele com quem se compartilha espaços, cultura, ideias, ideologias, entre outros elementos comuns a indivíduos numa sociedade global (JONAS, 2006)<sup>3</sup>. Antes, o seu paradigma ético universalizante se fundamenta na necessidade de um diálogo entre as grandes tradições religiosas como pressuposto indispensável à toda discussão enfocada na necessidade de instituição de um conjunto mínimo de valores éticos que seja efetivo em escala universal. E o autor o justifica dizendo

Tantos massacres e guerras não somente no Oriente Médio, mas também em outros lugares são indiscriminadamente fanáticos, sangrentos e impiedosos, porque foram religiosamente fundamentados. Assim podemos enumerar uma série de tais conflitos: entre cristãos maronitas e muçulmanos, sunitas e xiitas, entre palestineses, drussos e israelenses, entre o Irã e o Iraque, entre indianos e paquistaneses, entre hinduístas e siks, entre budistas senegaleses e hinduístas do Ceilão, entre monges budistas e o regimento católico no Vietnã, entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte (KÜNG, 1993, p. 124).

Küng reflete também acerca da lógica por trás de práticas de violência religiosamente fundamentadas e incentivadas

Qual é a lógica? Se Deus está “*conosco*”, com *nossa* religião, confissão, nação, partido, então parece ser lícito fazer qualquer coisa contra o partido adversário, o qual necessariamente tem de ser do diabo. Então parece até ser permitido ferir, queimar, destruir e matar em nome de Deus (KÜNG, 1993, p. 124).

Assim, Küng (1993) está convicto da necessidade de convidar para o debate em torno das possibilidades de construção de uma ética global as grandes tradições religiosas, pois percebe que grande parte dos conflitos armados já testemunhados pela sociedade global civil foi religiosamente fundamentada. Desta forma, na perspectiva do autor, “uma análise de conjuntura que exclua a dimensão religiosa é deficiente! Pois, vista diacrônica e sincronicamente, a religião é um fenômeno universal, assim como a arte e o direito” (KÜNG, 1993, p. 83). O autor segue dizendo ainda que “não se pode por negligência, ignorância

ou ressentimento excluir da análise este fenômeno geral da humanidade” (KÜNG, 1993, p. 83-84). E, por fim, conclui que “não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões. E sem paz entre as religiões não haverá diálogo entre as religiões” (KÜNG, 1993, p. 7).

Apesar do potencial destrutivo que afirmações religiosas fundamentalistas podem provocar, colocando sob suspeita a importância da participação de representantes dos grandes grupos que vivenciam este fenômeno universal no debate e na construção de uma ética global, Küng faz lembrar as potencialidades da religião para uma participação contributiva neste projeto.

As religiões também podem evidenciar-se de forma libertadora, orientadas para o futuro e fraternas no relacionamento com as pessoas. Assim aconteceu muitas vezes. Elas podem espalhar confiança de vida, calor humano, tolerância, solidariedade, criatividade e engajamento social, bem como promover uma renovação espiritual, reformas sociais e até a paz mundial (KÜNG, 1993, p 86).

O autor destaca ainda que

A religião consegue transmitir uma dimensão mais profunda, um horizonte interpretativo mais abrangente diante da dor, da injustiça, da culpa e da falta de sentido. Ela consegue também transmitir um sentido de vida último ante a morte: *o sentido de onde vem e para onde vai a existência humana*; a religião consegue garantir os valores mais elevados, as normas mais incondicionais, as motivações mais profundas e os ideais mais elevados: *o sentido (por que) e o objetivo (para que) de nossa responsabilidade*; [...]. A religião pode fundamentar protesto e resistência contra situações de injustiça: isso já é o *desejo insaciável e atuante pelo “Totalmente Outro”* (KÜNG, 1993, p. 98).

Na perspectiva de Küng (1993), ainda que, à primeira vista, o estabelecimento de um diálogo entre as grandes tradições religiosas possa revelar-se como sendo um empreendimento, sobretudo, desafiador e, para alguns, até mesmo utópico, um olhar atento para os princípios éticos fundamentais daquelas tradições revelará pontos em comum entre elas. Para o autor, a formulação deste conjunto de valores comum, global, partiria, portanto, da reunião destas “Regras de Ouro”, isto é, dos pressupostos éticos que a todos são comuns. Portanto, não busca o autor criar meios políticos para que um determinado conjunto de valores éticos de uma religião específica seja globalmente legitimado e imposto sobre outras tradições. Antes, o seu *Projeto de ética mundial* visa à construção de uma ética civil global a partir do diálogo inter-religioso. Assim, Sanchez (2015), trabalhando com a mesma temática lembra que

o diálogo é, portanto, um caminho, mas não um caminho instrumental; não é um caminho que visa apenas atingir resultados. O diálogo é um caminho necessário e fundamental para a realização daqueles/as que querem dialogar; por si só, o diálogo é o próprio caminho (SANCHEZ, 2015, p. 88).

Küng (1993) convida o leitor de seu projeto a refletir acerca do quadro futuro a se desenhar quando os líderes das grandes tradições religiosas se engajarem na promoção da paz e da convivência humana harmoniosa, dizendo

O que aconteceria para o mundo de amanhã se os líderes religiosos de todas as grandes e também das pequenas religiões hoje se pronunciassem decididamente em favor da responsabilidade pela paz, pelo amor ao próximo, pela não violência, pela reconciliação e pelo perdão? Se em vez de ajudar a provocar conflitos, elas se engajassem na sua solução? E isso de Washington a Moscou, de Jerusalém a Meca, de Belfast a Teerã, de Amitsar a Kuala Lumpur! Todas as religiões do mundo devem hoje reconhecer a sua co-responsabilidade pela paz mundial. Por isso, deve-se repetir sempre de novo a tese, para a qual eu tenho encontrado em todo o mundo apoio cada vez maior: *não haverá paz entre as nações sem uma paz entre as religiões*. Repetindo: sem paz entre as religiões não haverá paz no mundo! (KÜNG, 1993, p. 126-127).

Sanchez, considerando também a importância do diálogo inter-religioso como ferramenta indispensável para a construção de espaços de convivência onde se reflitam valores como o respeito entre indivíduos que professam crenças e cosmovisões diferentes, à semelhança de Küng, enfoca também a importância deste fenômeno no contexto global da sociedade civil atribuindo sentido, significado à existência. Nas palavras do autor,

A dimensão do diálogo é intrínseca às religiões: ao fazerem referência aos seus princípios e valores considerados sagrados, as religiões dialogam com o mundo respondendo aos desafios presentes na natureza e na vida das pessoas. Elas fornecem um quadro de referências que permitem aos seus membros dialogar com o mundo e, portanto, contribuem para dar sentido e significado a tudo o que existe. Ao falarmos de diálogo com as religiões, estamos falando de algo que é desdobramento dessa dimensão das religiões: dialogar para tornar o mundo habitável e mais humano (SANCHEZ, 2015, p. 90).

Assim, para Sanchez, “... nos tempos atuais, o caminho do diálogo inter-religioso é um caminho sem volta. E as religiões que rejeitarem participar desse processo correm o risco de cair no isolamento e na defesa da intransigência e da arrogância” (SANCHEZ, 2015, p. 88).

Os referenciais teóricos aqui mencionados fornecem elementos teóricos e de pesquisa que convencem quanto à necessidade urgente de promoção do diálogo inter-religioso a fim de que novos conflitos armados, religiosamente fundamentados, não venham mais a acontecer. Nesta perspectiva, a parceria aqui relatada revelou-se como sendo um passo positivo na direção do diálogo e da necessidade de reunião de esforços em favorecimento da vida humana. Ainda que o impacto da referida parceria possa ser considerado de pouca amplitude, alcançando apenas um grupo pequeno de indivíduos na oferta apenas de cursos gratuitos de língua portuguesa, a mesma parceria constituiu-se como sendo uma experiência a provocar naqueles que a firmaram, bem como nas instituições representadas, sobretudo, na IEBVA, uma profunda reflexão quanto às possibilidades de reunião de esforços com outras tradições religiosas no embate conjunto às misérias a que foi legado um contingente significativo de indivíduos deslocados do projeto moderno.

Embora, diante da necessidade de mais um espaço para aulas que se apresentava aos crentes batistas da IEBVA com toda a complexidade envolvendo a questão, à primeira vista, pudesse provocar uma reação positiva, até mesmo óbvia, por parte destes cristãos na direção do pronto atendimento àquela necessidade, nem por isso as etapas necessárias ao estabelecimento da parceria que foram descritas no ponto primeiro poderiam ser negligenciadas. A parceria, além de prover ajuda a um grupo de imigrantes com aulas gratuitas de Português nas dependências da IEBVA, consistiu também numa significativa quebra de paradigma no que dizia respeito às ações sociais promovidas pela IEBVA ao longo de sua história. Até àquele momento, as ações de evangelização, missão ou sociais promovidas pela IEBVA haviam se realizado apenas em conjunto com os trabalhos desta mesma natureza promovidos pelas convenções batistas ou por suas juntas de missões batistas. Alguns trabalhos de evangelização ou de missão esporádicos ou campanhas de ajuda com recursos apoiando projetos diversos, já haviam sido realizados em parceria com denominações evangélicas não batistas, no entanto, nenhum trabalho social com a dimensão que se apresentava havia, até então, sido realizado em parceria com uma instituição católica e isto mostrava-se como sendo um passo significativo no seio da comunidade batista, uma grande quebra de paradigma.

Há de se refletir acerca das razões pelas quais a IEBVA, bem como outras comunidades batistas de perfil semelhante, se orientam com predominância pela realização de projetos sociais com atuação mais exclusivista do que inclusivista, isto é, mais organizadas em torno de si, com a ação de seus próprios integrantes, do que em parceria com indivíduos que professam uma fé distinta à crença batista. É possível cogitar haver uma resistência em relação à participação em projetos ecumênicos pelo receio de comprometimento da identidade confessional do

grupo, da doutrina e dos valores éticos próprios de cada tradição. A proposta de uma parceria com uma instituição católica apresentada aos membros da IEBVA, no entanto, no acolhimento a imigrantes e refugiados, foi aceita sem oposições, o que aponta para uma maior sensibilização por parte do grupo batista quanto às necessidades de participação urgente nos engajamentos em favor de prover ajuda a estes grupos de indivíduos que estavam chegando ao país com frequência significativa. Além disto, com uma atuação direta do grupo que esteve visitando a Missão Paz na ocasião em que a necessidade foi compartilhada pelo Padre Paolo Parise, outros eventos foram organizados em conjunto com o projeto das aulas de Português, como uma formatura dos alunos com entrega de certificados e espaço para que alguns alunos pudessem falar em nome do grupo. Esta atividade, por exemplo, aconteceu num culto dominical pela manhã e contou com ampla participação da comunidade batista de Vila Antonieta, aprovando o projeto e se alegrando com os alunos pelas conquistas alcançadas. Na ocasião, uma representante da Missão Paz também esteve presente. Além da formatura, eventos de encerramento do semestre também foram organizados, como cafés da manhã com os alunos, almoços, entre outros. O intuito destas e outras programações era o de aproximar o grupo de alunos às famílias da IEBVA e vice-versa, promovendo o intercâmbio cultural, a troca de experiências e, principalmente, tornando o ambiente mais receptivo ao imigrante. Os relatos compartilhados pelos crentes batistas que participaram destes eventos foram bastante positivos e encorajadores.

#### 4 A IGREJA LOCAL E SUA ATUAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

O relato da parceira aqui descrita provoca uma reflexão acerca do real papel da igreja cristã diante dos dramas e dilemas postos pela contemporaneidade. A despeito de todas as vantagens legadas pela modernidade, como as possibilidades inusitadas de comunicação, de mobilidade urbana, de potencialização dos hábitos de compra pela promoção de uma cultura de consumo, entre outras vantagens que visam à satisfação ininterrupta dos indivíduos, não são poucos os dramas e dilemas provocados pela mesma dinâmica social na qual todos se encontram inseridos. Dilemas como os questionamentos acerca das capacidades de provisão de vida dos recursos naturais e da manutenção de seu equilíbrio, dos avanços nos números relacionados às desigualdades sociais fazendo proliferar a pobreza e a miséria em todas as suas dimensões, sobretudo em países de terceiro mundo, das capacidades das novas tecnologias em conter o aparecimento de novas enfermidades, entre outros reveses do projeto moderno, reclamam ações conjuntas entre governos, sociedade, grupos religiosos e outros setores que possam resultar em práticas e soluções mais efetivas.

Os problemas que afligem a sociedade moderna são de ampla dimensão e, em assim sendo, apenas poderão ser solucionados se forem abraçados, da mesma forma, globalmente. Apesar das muitas vantagens que os modos de vida

na contemporaneidade possibilitam, ainda assim se multiplicam as ansiedades, as incertezas em relação aos quadros futuros a se desenharem no cenário social local e global; as ameaças de um colapso no sistema econômico mundial; de novos reveses da natureza e de novas ações extremadas por fundamentalistas políticos e religiosos comprometendo aqui e acolá as possibilidades de vidas em muitos contextos.

Com o fim das grandes narrativas e a perda das capacidades das instituições, como a religião e depois o Estado, de referenciar a vida, seja pelos extremos legados pelo estabelecimento de filosofias e políticas com bases ideológicas apontadas para práticas nacionalistas e racionalistas exacerbadas seja pela mercantilização dos modos de vida mediante a promulgação de uma cultura de consumo, o cenário social desde o Pós-Guerra vem se mostrando instável e repleto de contrariedades, acarretando sofrimento a um contingente significativo de indivíduos. É quando as religiões, inclusive a cristã, precisam entrar em cena e atuar de modo significativo na reconstrução de uma sociedade mais igualitária, mais justa e na qual os seus indivíduos possam ter acesso às necessidades básicas de vida.

O fato é que não são poucas as barreiras que se levantam ante o diálogo inter-religioso e à possibilidade de aproximação entre tradições religiosas distintas na reunião de esforços em favorecimento da vida humana num cenário tão fragmentado e repleto de contradições como o cenário social contemporâneo. Seja por se orientarem por uma lógica de mercado, visando, portanto, o lucro na atividade religiosa seja por questões doutrinárias acerca dos mais variados assuntos, ou por receios quanto a um comprometimento da identidade confessional, ou ainda, o que seria de gravidade maior, quanto a um comprometimento da relação com o sagrado pelo envolvimento com o diferente, classificado como sendo um “samaritano”, “gentio”, por fim, um “profano”, enfim, pelos mais variados obstáculos, impedimentos de toda ordem separam indivíduos religiosos de ações conjuntas, inclusive os cristãos com as suas plurais denominações. Comblin (2005), no entanto, é contundente ao chamar a atenção da igreja cristã para a sua responsabilidade social que se traduza numa prática efetiva. Ainda que o seu texto faça referência ao universo de atuação da igreja católica, é, seguramente, relevante para a reflexão por qualquer grupo religioso. Assim, comentando acerca da pobreza, por exemplo, como sendo esta uma questão de fundamental importância na reflexão teológica, coloca o autor:

Por isso, a questão teológica primordial, prévia a qualquer exposição, é: vamos falar da pobreza, ou vamos silenciá-la como sendo um não-problema teológico? Qualquer publicação teológica dá uma resposta explícita ou implícita a essa questão. A partir disso já se sabe o desenvolvimento de todo o conteúdo. Qualquer que seja o nome que se lhe possa dar, a teologia deve colocar em primeiro lugar essa questão prévia. Se, como faremos aqui, optamos pela

existência dos pobres, podemos passar para a questão seguinte: por que é que na atualidade as Igrejas, nas suas instituições e nos seus representantes, não gritam? Os que não têm voz têm menos influência hoje do que há 30 anos. A Igreja será a não-voz dos que não têm voz? Apesar do silêncio da instituição, os pobres devem ser o primeiro tema da teologia (COMBLIN, 2005, p. 16).

O autor segue a sua argumentação dizendo ainda que

os pobres estão aí, não podendo ser escondidos – apesar das muitas tentativas nesse sentido. São demais. Estão aí e existem. Já não podemos esconder essa realidade. Sabemos que, no evangelho, para Jesus, essa existência é o pecado básico da humanidade. Não é fatalidade, má sorte, necessidade natural. A pobreza dos pobres está diretamente ligada à riqueza dos outros que não querem partilhar (COMBLIN, 2005, p. 15).

Fica claro que, na perspectiva de Comblin, a igreja tem um papel a desempenhar no universo social dado e não é apenas o de ser a representante da mensagem do Reino, mas também, o de se colocar ao lado daqueles que estão à margem do projeto moderno, esquecidos e com possibilidades de vida comprometidas. Aliás, essa é a mensagem do Reino de Deus promulgada pelo Cristo, bem como a realidade por Ele apresentada sempre que se dirigia ao atendimento de uma necessidade que se lhe apresentava. O Cristo apresentava as boas novas de salvação e se dispunha a curar toda sorte de enfermidades que acarretava sofrimento aos que o buscavam solicitando socorro e, isto, sem fazer distinção entre judeus e samaritanos, judeus e gentios ou entre judeus e publicanos. A sua compaixão estava acessível a todos que o buscavam. Castillo, destacando a essência da compaixão demonstrada pelo Cristo, parte de uma exegese do texto para afirmar que,

portanto, quando os evangelhos utilizam esse verbo, para fazer referência às relações ou comportamentos de Jesus, na realidade, o que falam é algo que diz respeito à sensibilidade de Jesus. Esse fato, frequentemente, não aparece com clareza nas traduções do texto grego original, porque não é raro que os tradutores, ao se depararem com esse verbo, o traduzam por “ter misericórdia” ou “ter compaixão” e, por vezes, “ter pena”. O fato é que tudo isso é verdade. Mas também é certo que, nessas expressões, afirma-se algo que corre o risco de nos fazer pensar que, diante das desgraças alheias, Jesus reagia como qualquer um (que não for desalmado) reage diante de um mendigo

que pede esmola ou um maltrapilho que anda pelas ruas. Muitas pessoas, quando vêem um mendigo assim, sentem “pena” ou experimentam alguma “compaixão” e dão-lhe uma esmola, com o que cumprem uma “obra de misericórdia”. E a coisa não passa disso. Evidentemente, tudo isso é bom. No entanto, nada disso explica o que Jesus fazia e vivia. Embora à custa de me tornar maçante, é necessário insistir em que o verbo *splagchnizomai* significa literalmente “sentir uma comoção das próprias entranhas”. Expressa, portanto, uma *reação visceral*, a sensação mais íntima e humana que uma pessoa pode experimentar (CASTILLO, 2010, p. 93-94).

Como destaca ainda Castillo, “Jesus não suportava ver pessoas passando necessidade, não aguentava a dor dos outros, era algo superior as suas forças. Sua sensibilidade não tolerava isso” (CASTILLO, 2010, p. 94).

Portanto, mais do que uma mensagem a ser repetida, o Reino de Deus é uma realidade a ser multiplicada. É o “dar-lhes vós de comer” a que o Cristo se referia a seus discípulos na experiência da multiplicação dos pães<sup>4</sup>. É o sentido da declaração “pois eu tive fome e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram...”, a qual o Cristo explica, dizendo “o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram”<sup>5</sup>. No entanto, quantos grupos ainda não agem sob a lógica da lei mosaica, ainda que afirmem se orientarem pela lógica da graça de Cristo? Quantos ainda não condicionam a ajuda, por menor que seja, à necessidade de que o indivíduo necessitante atenda às reuniões de culto ou mesmo que se torne um membro do grupo? A graça de Cristo ainda é a resposta para um mundo repleto de injustiças. Se a violência gera violência, a graça certamente gera graça. Foi deste modo que o Cristo ensinou e sob esta perspectiva atuou, se dispondo a atender às ovelhas de Israel, mas também às ovelhas de outro aprisco, como o chefe da sinagoga que o buscou porque a sua filha se encontrava seriamente enferma<sup>6</sup>; como o centurião que intercedeu em favor de seu servo<sup>7</sup>; como o Zaqueu, chefe dos publicanos, que o recebeu em sua casa<sup>8</sup>. Estava em ação a mais eficaz evangelização e a mais eloquente pregação, isto é, sem o recurso da palavra, mas com o concurso da vida.

Se um dia o cristão, seja ele católico, batista ou de qualquer outra denominação, reconhecer a necessidade de socorro que todos os dias se lhe apresenta chamando-o à consciência e ao agir ético com responsabilidade, como o Cristo o fez, com o seu método e com o seu olhar, talvez, então, um dia o cristão contemporâneo seja novamente chamado de “pequeno cristo” mais do que católico, batista ou evangélico. Como bem colocou Comblin, “Jesus exorta para a conversão sem julgar, sem ameaçar, sem reprovar. Ele nem precisa falar. O contato com ele já é um apelo” (COMBLIN, 2005, p. 79).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como colocado ao longo deste texto, a parceria aqui relatada preenche apenas uma pequena lacuna do amplo espectro de necessidades relacionado à questão migratória que a todos se apresenta. No entanto, as reflexões que ela provocou, sobretudo, quanto às metodologias de ação social adotadas pela referida comunidade batista ao longo de sua história, representam um passo promissor no estabelecimento de futuras parcerias que, à semelhança da experiência aqui relatada, poderão também contribuir no embate às desigualdades, injustiças e carências em geral do mundo global pela reunião de esforços conjuntos entre tradições religiosas distintas. O grupo batista reconheceu ser possível uma aproximação com outras tradições religiosas com o intuito de ajudar pessoas necessitadas sem que, de fato, esta aproximação pudesse trazer qualquer constrangimento ou dano à própria comunidade quanto a vivência de seus valores, escopo doutrinário, modo de interpretar o texto sagrado, visão de mundo etc. Neste sentido, um paradigma foi quebrado no seio da comunidade batista quanto à sua maneira de fazer missão no mundo, isto é, dar testemunho de vida cristã e fazer discípulos, valores estes plenamente fundamentados nas consciências dos indivíduos batistas como parte de sua identidade religiosa.

Esta quebra de paradigma foi resultado ou foi tornada possível, primeiramente, pela obtenção de informações fundamentadas acerca do drama enfrentado por aqueles que estão em trânsito. Isto aconteceu quando da participação do autor, também pastor da IEBVA naquele tempo, no I Simpósio Internacional sobre Religião e Migração na PUC, em 2015. No contexto da IEBVA, como se dava àquela época, não havia uma percepção clara, sobretudo, de parte da liderança ali constituída, acerca da importância deste trânsito e vivência entre os círculos acadêmicos por parte de seu líder religioso em benefício de uma ampliação de sua formação, cujos benefícios seriam, certamente, revertidos para a própria comunidade. Assim, este elemento também foi destacado na comunidade batista ao longo do estabelecimento do projeto.

A quebra de paradigma também foi resultado de uma maior sensibilidade do grupo batista em relação às condições daqueles que sofrem, de uma releitura do evangelho com uma observação estrita à atuação do Cristo diante das necessidades que se lhe apresentavam, de uma revisão da própria ética, isto é, da maneira cristã batista de habitar o mundo e da disposição em querer ajudar.

A parceria aqui descrita testemunha dos muitos benefícios que são legados àqueles que estão em necessidades extremas sempre que diferenças de credo, de cosmovisão, de cultura eclesial, de hermenêuticas teológicas, entre outras distinções, são postas em segundo plano em favorecimento do atendimento à vida humana. Ela reflete também uma maior sensibilidade quanto à atuação do próprio Cristo diante das múltiplas misérias a todo o tempo presenciadas, a saber, o valor da vida deve ser elevado ao *status* de valor absoluto que por todos deve ser observado.

Por fim, a referida experiência é prova da eficácia do diálogo inter-religioso, como o que se deu nas dependências da Missão Paz por ocasião do primeiro encontro com o Padre Paolo Parise, que aqui foi descrito. Naquela ocasião, questões doutrinárias, de fé, de cultura eclesial católica ou batista, nem de longe foram tocadas e a razão é evidente, vidas humanas estavam em risco e em extremas necessidades. Portanto, este havia se tornado, parafraseando Comblin (2005) quando fala a respeito dos pobres, “o tema primeiro da teologia”.

## NOTAS

<sup>1</sup> Lipovetsky descreve o conceito de “espiritualidade *light*” em sua obra *Da leveza*, para uma civilização do ligeiro. LIPOVETSKY, G. **Da leveza: para uma civilização do ligeiro**. Lisboa: Edições 70, 2016.

<sup>2</sup> Como postula Leonardo Boff, por exemplo, na obra *Ética e moral*, a busca dos fundamentos. LEONARDO, B. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

<sup>3</sup> Ver: JONAS, H. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-RIO, 2006.

<sup>4</sup> Cf. Marcos 6, 30-44.

<sup>5</sup> Cf. Mateus 25, 31-46.

<sup>6</sup> Cf. Marcos 5, 21-43.

<sup>7</sup> Cf. Mateus 8, 5-13.

<sup>8</sup> Cf. Lucas 19, 1-10.

## REFERÊNCIAS

BOFF, L. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CASTILLO, J. M. **A ética de Cristo**. São Paulo: Loyola, 2010.

COMBLIN, J. **Quais os desafios dos temas teológicos atuais?** São Paulo: Paulus, 2005.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006.

KÜNG, H. **Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 1993.

LIPOVETSKY, G. **Da leveza: para uma civilização do ligeiro**. Lisboa: Edições 70, 2016.

SANCHEZ, W. L. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2015.

## RESUMO

Este artigo apresenta como se deu uma parceria entre uma igreja batista tradicional e uma entidade católica na oferta de cursos gratuitos de língua portuguesa para imigrantes e refugiados nas dependências da referida comunidade batista. O texto tratará também da importância do diálogo inter-religioso no favorecimento da vida humana, dos reflexos da parceria na comunidade batista e da necessidade de reflexão acerca do papel da igreja cristã diante dos desafios do mundo moderno.

**Palavras-chave:** imigrantes; igreja batista; Missão Paz; diálogo inter-religioso.

## ABSTRACT

This article presents a partnership between a traditional baptist church and a catholic entity in offering free Portuguese language courses for immigrants and refugees into baptist church spaces. The text will also deal with the importance of interreligious dialogue in favor of human life, about the reflections of the partnership in the baptist community and with the need for reflection on the role of the christian church in face of the challenges of the modern world.

**Keywords:** immigrants; baptist church; Mission Peace and interreligious dialogue.